

MUDANÇA NO CÂMBIO

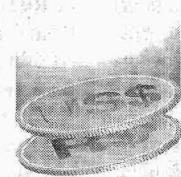
Real cai 7,22% num dia de forte oscilação

Cotação chega a R\$ 1,60 por dólar, mas cede no fim da tarde; BC não intervém

CLEIDE SÁNCHEZ RODRÍGUEZ

As cotações do dólar subiram fortemente, ontem, segundo dia de funcionamento do mercado livre de câmbio. No fechamento dos negócios, a moeda americana era cotada a 1,59 para venda no segmento comercial, por onde passam as transações com dólar para exportações e importações, remessas de divisas e royalties, entre outras. Esse preço corresponde a uma desvalorização do real de 7,81% no dia e acumulada em 23,82% desde a última quarta-feira.

Na abertura do mercado, a cotação era bem menor, de apenas R\$ 1,47, praticamente o mesmo nível do fechamento de sexta. Durante o dia, ela foi subindo até alcançar R\$ 1,60, no segmento comercial, e acabou contagiando os outros mercados (flutuante).

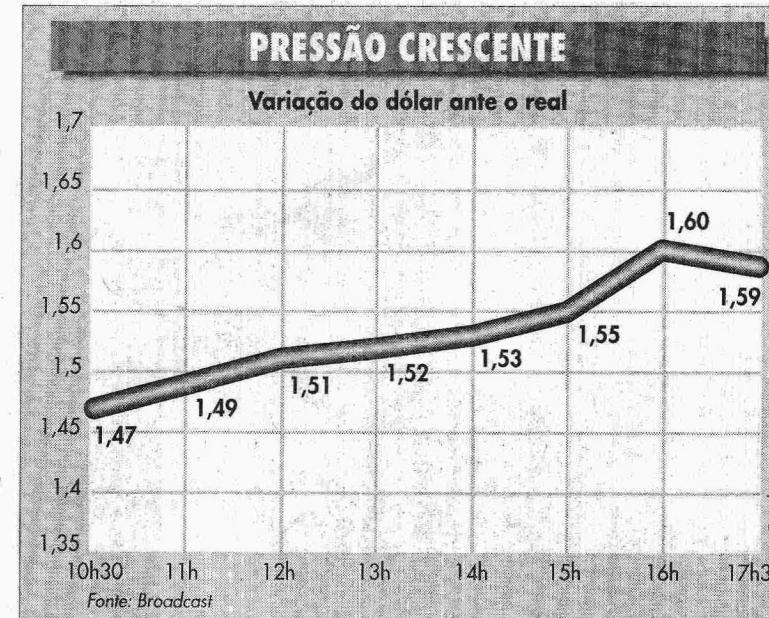


ALTA ACABOU
ABALANDO
OUTROS
MERCADOS

Um dos mais fortes motivos atribuídos por operadores para a alta de preço foi o de testar o Banco Central (BC). O comunicado divulgado para o mercado antes de começar os negócios informava que o governo poderia intervir ocasionalmente e de forma limitada para evitar o descontrole. Os jornais trouxeram, na edição de ontem, que o BC poderia fazer atuações-surpresa, quando a cotação da moeda atingisse determinado patamar. Esse teto seria de R\$ 1,60. A cotação alcançou esse patamar por volta das 16 horas, mas não houve intervenções, o que levou a uma queda no preço do dólar.

Luis Fernando Figueiredo, diretor da área de Tesouraria do BBA Creditanstalt, esclarece que essas intervenções são comuns nos países de primeiro mundo para deter tendências descontroladas ou uma taxa incompatível com a realidade

de econômica do país. "A medida reduz a volatilidade, fazendo com que as cotações subam ou diminuam mais tranquilamente", disse. Na sua opinião, essa medida não será adotada tão já pelo BC, que sabe



estar no início de um processo e quer que o mercado opere livremente até estar totalmente consolidado.

Segundo operadores, outra fonte de pressão de alta do dólar é o fato de os investidores ainda estarem segurando seus dólares no exterior ou internamente em razão da volatilidade das cotações. "Existe a possibilidade de ganhar mais no dia seguinte", explicam. A venda pode ria derrubar as cotações.

Isso ocorre porque houve uma mudança na forma de o BC atuar. Antes, ele promovia ajustes graduais e mensais no câmbio e admi-

nistrava a oferta e demanda de moeda de forma que não interferissem no resultado das cotações; desde sexta-feira, essa interferência deixou de existir, só que não é possível acreditar que o fluxo de capitais será positivo de uma hora para a outra, explicam Paulo Mallmann e Luiz Rabi, do BicBanco.

De acordo com os economistas, o saldo negativo da conta de transa-

ções correntes (balança comercial e de serviços), ao redor de US\$ 28 bilhões, era parcialmente coberto pelo ingresso de investimentos diretos (US\$ 18 bilhões). O restante vinha dos empréstimos e emissões no exterior. "Essa fonte secou – pelo menos momentaneamente – e, para reequilibrar o mercado, seria necessário reverter US\$ 11 bilhões de saldo da balança comercial, que passaria de um déficit de US\$ 6 bilhões para US\$ 5 bilhões, o que ocorrerá somente no prazo de um ano", acreditam.

A tendência natural é de o mercado de câmbio continuar com excesso de demanda por moeda, promovendo novas desvalorizações do real ante ao dólar. O volume de vencimentos para os próximos três meses é bastante elevado, sem chances

de serem renovados, quer pelo estreitamento da liquidez (disponibilidade de recursos) para os países emergentes, incluindo o Brasil, quer pelo próprio risco apresentado pelo País. Até as 19h00, o fluxo cam-

bial estava negativo em cerca de US\$ 120 milhões. A expectativa de operadores é que os registros indicassem números finais em torno de US\$ 200 milhões, negativos.

EXCESSO DE
DEMANDA É
TENDÊNCIA
NATURAL